

# REPRESENTAÇÕES DE MESTIÇOS NOS QUADROS DE MESTIÇAGEM HISPANO- AMERICANOS DO SÉCULO XVIII

RICARDO LEME SANTELLI\*

**Resumo:** É impossível falar de América ibérica sem falar de mestiçagem. O processo de mestiçagem decorrente do contato sexual entre os três grupos primários - espanhóis, índios e negros - e seus respectivos descendentes, gerou uma diversidade biológica, cultural e etnográfica jamais vistas em outro momento histórico. A formação das sociedades coloniais americanas foi marcada pela diversidade de componentes étnicos, culturais, religiosos e pela predominância da instabilidade. Nesse artigo buscarei mostrar como os Quadros de Mestiçagem podem ser entendidos como representações do imaginário social em torno dos mestiços nessas sociedades. No século XVIII, surgiu na América espanhola, juntamente com o conceito de *castas*, esse estilo pictórico, o qual representava os diversos tipos humanos provenientes dos cruzamentos entre espanhóis, índios e negros.

**Palavras-chave:** Mestiçagem - Quadros de Mestiçagem - Representações

**Abstract:** It is impossible to talk about Iberian America without talking about mixed races. The mixed race process rose from the three primary groups' sexual contact – Spanish, Indians and Negroes – and by their descendants, generating a biological, cultural and ethnographic diversity never ever seen on other historical moment. The shaping of American colonial societies was traced by the diversity of ethnics, cultural and religious components and by the instability predominance. In this paper I attempt to show how the *Castas* Paintings can be understood as social imaginary representations around those societies' mixed race people. On the eighteenth century, arose on Spanish America, along with the *castas* concept, the painting style that represented the diversity of human types upon racial crossing between Spanish, Indian and Black people.

**Keywords:** Mixed Race - Castas Paintings – Representation

---

*Artigo recebido em 28 de Junho de 2014 e aprovado em 31 de Outubro de 2014.*

\* Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ), e doutorando pela mesma instituição. E-mail: [ricardosantelli@yahoo.com.br](mailto:ricardosantelli@yahoo.com.br)

A partir de meados do século XV, portugueses e espanhóis lançaram-se em explorações marítimas extremamente audaciosas, com o objetivo de encontrar novas áreas, além dos já conhecidos continentes europeu, africano e asiático para aumentar seus domínios, riquezas e súditos. Essas viagens representaram o primeiro passo em direção a um intercâmbio de proporções globais. A expansão europeia ganhou, naquele momento, um grande impulso, fazendo circular pessoas, objetos, produtos e mercadorias entre os dois lados do Oceano Atlântico.

A chegada dos europeus ao continente que viria a ser chamado de América é considerada por muitos o acontecimento mais extraordinário da História. Naquele final do século XV, os europeus se viram diante de um “outro”, ou seja, de uma natureza e de povos totalmente diferentes.<sup>1</sup> Apesar de acostumados a lidar com povos heterogêneos, a grande novidade de tal contato era seu caráter absolutamente inédito, diferentemente do que ocorria no continente europeu, aonde tais enfrentamentos com povos distintos havia se dado de maneira progressiva ao longo de séculos. No Novo Mundo, isto ocorreu de forma abrupta e isolada, sem precedentes.<sup>2</sup> Para muitos, era o *paraíso*:<sup>3</sup> terra da beleza, da riqueza, dos prazeres, enquanto para outros representava o inferno: terra da morte, da selvageria e do pecado. Como destaca Sérgio Buarque de Holanda “a crença na proximidade do Paraíso terreal não é apenas uma sugestão metafórica ou passageira fantasia, mas uma espécie de ideia fixa, que ramificada em numerosos variantes, acompanha ou precede, quase indefectivelmente a atividade dos conquistadores nas Índias de Castela”.<sup>4</sup>

O encontro com esse outro mundo trouxe mudanças profundas na maneira de viver dos europeus: surgiram novas ideias; mudou o padrão de consumo; ampliou-se o conhecimento do mundo e de sua gente e fizeram-se fortunas. Já para aqueles que passaram a ser conhecidos como índios, numa clara referência ao povo da Índia, com o qual foram confundidos num primeiro momento, o encontro com o “outro”, provocou uma profunda

---

<sup>1</sup> TODOROV, T.. *A conquista da América: a questão do outro*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins, 2003.

<sup>2</sup> GRUZINSKI, S.. Las repercusiones de la conquista: la experiencia novohispana. In: BERNAND, Carmen (org.). *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años*. México, FCE, 1994. p. 167 – 170.

<sup>3</sup> Sérgio Buarque de Holanda observa que o mito edênico ganhou força com a descoberta do Novo Mundo, apesar de ser uma ideia que circulava na Europa desde a Idade Média. A crença da existência de um *paraíso* na terra, segundo o autor, acabou influenciando fortemente a colonização da América.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

<sup>4</sup> *ibid.*, p. 13.

crise. Alguns povos desapareceram; outros tiveram sua cultura e seu modo de vida totalmente modificados em consequência da conquista a que foram submetidos.

Por volta do ano de 1500, o continente americano era numericamente bem povoado possuindo praticamente  $\frac{1}{4}$  (um quarto) da população mundial. A Meso-América contava com cerca de 25 milhões de habitantes, ao passo que a Península Ibérica tinha menos de 5 milhões. A civilização Maia atingiu seu apogeu no século X e, por volta de 1500, continuava a influenciar a região litorânea. Nos planaltos do interior, entretanto, desenvolveu-se a Confederação Asteca. Em 1325, os astecas fundaram a cidade de Tenochtitlán, base da futura Confederação e sobre a qual se construiria a Cidade do México. A Confederação Asteca possuía uma política de conquistas, chegando a estender-se das margens do Oceano Atlântico às do Pacífico e impondo sua autoridade a cerca de 20 milhões de súditos.

A conquista espanhola da América foi um longo processo que se desenvolveu em diversas etapas. O “descobrimento”, com a chegada de espanhóis ao continente em 1492, não significou o início da conquista em seu sentido pleno. Apenas na geração seguinte e com a conquista do México, em 1521, e do Peru, em 1533, a colonização espanhola ganharia contornos próprios. Segundo Serge Gruzinski:

Antes que apropiación directa de la tierra, la *conquista* americana fue una empresa de dominación de los pueblos. Por primera vez poblaciones numerosas y sociedades complejas, ricas y urbanizadas habían caído bajo el dominio español. La necesidad de controlar, administrar, poblar y rentabilizar estas nuevas e inmensas posesiones transformó de manera irremediable la expansión marítima española y fomentó la creación de un imperio continental. Por esta razón, las conquistas de México y de los Andes constituyen periodos claves, sin duda mucho más significativos que la fecha fetiche de 1492.<sup>5</sup>

A formação das sociedades coloniais foi marcada, em uma fase inicial, pela grande incidência de perda de raízes, pela diversidade de componentes étnicos, culturais, religiosos, pelo comando limitado ou nulo com a autoridade central, pela predominância da instabilidade, da mobilidade e da irregularidade. Esse universo fraturado teria deixado marcas nessas sociedades, em parte porque tal experiência consagrava a predominância da “recepção fragmentada”, pois a conquista desencadeava para todos os envolvidos a perda, a dissolução das referências originais – ibéricas, ameríndias, africanas – e a elaboração de novas. Essa

---

<sup>5</sup> GRUZINSKI, S., op. cit., 1994, p. 148 - 149.

dinâmica de perda e reconstrução se traduziu por uma recepção intermitente e fragmentada das culturas em presença e constitui o que é identificado como formas sociais fractais.<sup>6</sup>

A cidade do México seria um retrato perfeito desta situação “fractal”, coexistindo nela um mundo antigo em destruição e um novo, em processo de construção, a partir de seus destroços e ruínas. Além disso, segundo Gruzinski, “os vencedores viveram, por muitos anos, em uma espécie de estado de sítio contínuo (...), rodeados por milhares de índios hostis”.<sup>7</sup>

A criação de conexões entre os grupos só foi possível graças aos múltiplos processos de mestiçagem de seres e imagens. Mestiçagem, portanto, não só étnica, mas, sobretudo, cultural, como resposta adaptativa ao caos da conquista e aos planos de dominação. A convivência na América, distante do universo europeu, com o qual estavam familiarizados, fazia com que os espanhóis se desapegassem de costumes e crenças que antes seguiam. Desse modo, ocorria o chamado *extrañamiento de tierra*, uma vez que eram obrigados a conviver com hábitos e realidades completamente novos e a agir de forma inaceitável para os padrões tradicionais do Velho Mundo. É necessário ressaltar que o estranhamento foi recíproco, sendo sentido também pelos nativos no convívio com “seres estranhos de origem misteriosa”<sup>8</sup> e com os objetos e animais trazidos. Tal relação iniciou-se com a tentativa de dominação do imaginário social indígena por parte dos colonizadores e, principalmente, através da ação das ordens religiosas.

Há uma relação intrínseca entre imaginário social e relação de poder. Segundo Bronislaw Baczko, o imaginário social é:

uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem a mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais. O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder.<sup>9</sup>

É no imaginário social que as sociedades esboçam suas identidades. Para o autor, a avaliação das múltiplas funções dos imaginários sociais não pode passar despercebida na intervenção das representações e símbolos nas práticas coletivas, bem como na sua direção e

---

<sup>6</sup> GRUZINSKI, S.. Do barroco ao neobarroco: fontes coloniais dos tempos pós-modernos. O caso mexicano. In: CHIAPPINI, L., AGUIAR, F. W. de (orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 78 - 79.

<sup>7</sup> GRUZINSKI, Serge. op. cit., 1994, p. 152.

<sup>8</sup> GRUZINSKI, Serge. op.cit., 1994, p. 157.

<sup>9</sup> BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social* IN: ENCICLOPÉDIA EINAUDI: Antropos – Homem. Lisboa, Imprensa Nacional /Casa da Moeda, 1985. vol. 5. p. 309 - 310.

orientação<sup>10</sup>. Desse modo, ao iniciar a colonização do imaginário, rompendo as barreiras linguísticas de uma comunicação instável e confusa, espanhóis passaram a modificar também a ordem espacial do Novo Mundo, construindo capelas e igrejas a partir das ruínas dos antigos templos religiosos e transformando o espaço em algo completamente novo e original, distinto tanto da ordem colonizadora como da colonizada. Antes seria fruto do entrecruzamento de ambas.

Nas colônias ibéricas da América, este fenômeno foi mais acentuado do que em qualquer outro território do mundo. Como afirma Franklin W. Knight, a formação deste Novo Mundo seria inconcebível se isolada do processo de mestiçagem:

desde tiempos inmemoriales, los movimientos de población y la formación de los imperios han ido acompañados por el mestizaje. Ningún grupo humano ha podido conservar intacta su endogamia al encontrarse con otro. La mezcla de culturas y fenotipos fue en todo momento un aspecto intrínseco e inevitable de la expansión de los europeos en el resto del mundo, especialmente después del siglo XV.<sup>11</sup>

O contato sexual gerou uma população de mestiços de presença significativa no campo social que, por vezes, auxiliou na diminuição das dificuldades de comunicação verbal e aquelas advindas dos efeitos do *extrañamiento de tierra*, além de apoiar no processo de expansão e na ocupação de novos territórios americanos.

Desde o primeiro contato, os cronistas e colonizadores espanhóis descreveram com entusiasmo a beleza das jovens índias. Ulrich Schmidel, que fez parte da conquista do Rio da Prata, as descreveu como: “muy lindas y grandes amantes y afectuosas y son ardientes de cuerpo, según mi parecer”<sup>12</sup>. A distância dos conquistadores de suas esposas, o longo tempo de abstinência que passavam nas viagens e a falta de mulheres brancas na época das primeiras expedições fez com que o contato sexual entre homens espanhóis e mulheres índias se desse de forma muito rápida. Os espanhóis obtinham mulheres índias através da força e também por meios pacíficos. A captura de mulheres foi um elemento a mais na escravização geral dos índios que teve lugar no Novo Mundo, durante as primeiras décadas do século XVI.

Podemos constatar, através da leitura de trechos em que cronistas e conquistadores descrevem as nativas, que a apreciação de seus tipos físicos era algo comum a todo o território americano, independente da região. Pero Vaz de Caminha escreveu que “seus corpos

<sup>10</sup> *ibid.*, p. 299.

<sup>11</sup> KNIGHT, Franklin. *El mestizaje en América Latina*. New York: Macmillan, 1974. p. 533.

<sup>12</sup> SCHMIDEL, Ulrich. *Derrotero y viaje a España y las Indias*. Traducido Del alemán según el manuscrito original de Stuttgart y comentado por Edmundo Wernicke. Santa Fé: Editora Universidad Nacional del Litoral, 1938., p.113

são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode ser mais”.<sup>13</sup> Já Cristóvão Colombo afirmou sobre os índios: “andam nus, tal como vieram ao mundo, e as mulheres também [...]. Alguns pintam o corpo de castanho e todos são como os canarinhos, nem negros nem brancos”.<sup>14</sup> Muitas vezes, também, os conquistadores acabavam sendo assassinados pelos próprios índios devido a sua poligamia exacerbada:

al retornar Colón a La Española, en su segundo viaje, encontró que los hombres de la primera expedición que quedaron en ella habían sido asesinados -. Los indios explicaron [nos dice un testigo], que uno de los españoles ‘tenía tres mujeres, otro cuatro; [de] donde creemos que el mal que les vino fue de celos.’<sup>15</sup>

Não há dúvidas de que o concubinato e a relação sexual casual explicam a maior parte destes cruzamentos ocorridos durante o período colonial. Porém não se pode esquecer que o casamento também teve sua contribuição para as mesclas.<sup>16</sup> Os casamentos mistos foram permitidos pela Coroa espanhola, em 1501. Dois anos mais tarde, o governador de Santo Domingo, Nicolás Ovando, recebeu instruções para fazer com que alguns cristãos espanhóis se casassem com algumas mulheres índias e que algumas mulheres cristãs se casassem com alguns índios, e para que eles constituíssem um núcleo básico familiar de homem e mulher. Tal situação foi fruto do interesse da Igreja, fazendo com que a Coroa obrigasse os pares de espanhol e índia, que viviam em concubinato, a se casarem. Entretanto, este método não obteve bons resultados, uma vez que um censo realizado em Santo Domingo, em 1514, revelou que somente 171 dos 689 espanhóis que viviam ali estavam casados e que 107 esposas eram espanholas e apenas 64 eram nativas, apontando a preferência por mulheres espanholas com o intuito de manter a linhagem pura<sup>17</sup>.

A primeira geração de mestiços foi aceita como espanhola, em geral, fossem oriundos de casamentos mistos ou frutos de concubinato. É válido destacar que essa primeira geração, fortemente ligada ao grupo paterno, desempenhou parte ativa nas últimas etapas da conquista. No entanto, existiram exceções e alguns mestiços da primeira geração se juntaram ao grupo

---

<sup>13</sup> Carta de Pero Vaz Caminha (1500). In: Alves Filho, Ivan. Brasil, 500 anos em documentos. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

<sup>14</sup> Diário de Colombo (1492). In: Greenblatt, Stephen. Maravilhosas possessões. *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

<sup>15</sup> MÖRNER, Magnus. *La mescla de razas en la Historia de América Latina*. Buenos Aires: Paidós, 1967. p. 32.

<sup>16</sup> Este artigo não se debruçará na análise do conceito de raça apesar de utilizá-lo. No século XVIII o conceito estava diretamente ligado a questão da limpeza ou não de sangue do que a outros aspectos. Também não problematizarei a questão étnica por uma questão de tamanho do artigo e do foco principal.

<sup>17</sup> MÖRNER, Magnus, op. cit., 1967. p. 36.

materno. Mas este fenômeno não se limitava aos mestiços. Alguns poucos espanhóis de pura linhagem também se juntaram e assimilavam a cultura indígena<sup>18</sup>.

De todo modo, com a conquista se iniciou um intenso processo de cruzamento entre europeus e ameríndios. Entretanto, o estudo preciso da evolução das taxas de reprodução desta população mestiça torna-se problemática devido à inexatidão dos documentos e registros históricos existentes, além de diversas questões como a condição de ilegitimidade jurídica de grande parte dos filhos de espanhóis e nativos, em sua maioria frutos de relações extraconjugais.

O aumento da mestiçagem provocou preocupação à Coroa espanhola.<sup>19</sup> Em 1533, uma Cédula Real ordenava que os filhos de espanhóis com índias deveriam ser encaminhados às casas de seus pais, junto com suas mães, para receberem educação cristã. A Igreja Católica via os mestiços, por causa da sua origem, em geral, ilegítima, como um grupo social suspeito.<sup>20</sup> Com o seu crescimento, sua imagem se deteriorou ainda mais e lhes foi atribuída propensão à desordem. Os setores dominantes, portanto, passaram a ver os mestiços como uma ameaça à ordem social e o argumento da desqualificação foi cada vez mais usado no intuito de diminuir o peso crescente do grupo nas sociedades coloniais.<sup>21</sup>

A formação do sistema de *casta*, chamado de “pigmentocracia”<sup>22</sup> pelo etnólogo chileno Alejandro Lipschütz,<sup>23</sup> teria sido uma das principais vias de união entre os espanhóis e as índias, já que estas preferiam “amancebar-se” com um espanhol a unirem-se legalmente com um índio. Este sistema havia se formado em consequência ao domínio econômico e político da Conquista, quando os espanhóis se colocavam social, econômica e politicamente como a primeira categoria social.

O avanço da mestiçagem seria menos notado se as massas indígenas continuassem sendo tão numerosas como, evidentemente, foram antes do contato com os europeus. Para marcar a importância da mestiçagem, durante os séculos XVI e XVII, devemos ter em mente que a declinação populacional foi rápida e brutal sobre os nativos. Em 1570, apenas 3,5% da

---

<sup>18</sup> MÖRNER, Magnus. *La mezcla de razas en la Historia de América Latina*. Buenos Aires: Paidós, s/d. p. 37.

<sup>19</sup> CHOCANO MENA, Magdalena. *La América colonial (1492 - 1763)*. Cultura y vida cotidiana. Madrid: Editorial Síntesis, 2000. p.102 – 103.

<sup>20</sup> PÉREZ HERRERO, Pedro. *La América colonial. (1492 – 1763) Política y sociedad*. Madrid: Editorial Síntesis, 2002. (Historia de España. 3<sup>er</sup> Milenio, n. 18). p. 200.

<sup>21</sup> *ibid.*, p. 103, 194.

<sup>22</sup> O lugar ocupado por um indivíduo na escala social a partir de sua cor de pele.

<sup>23</sup> LIPSCHUTZ, Alejandro. *El problema racial en la conquista de América*. 3<sup>a</sup> ed. México: Siglo XXI, 1975.

população era representada por europeus e seus descendentes, negros e mestiços, enquanto, em 1650, este número cresce para 19%. Entretanto, segundo cálculos de historiadores, a população nativa cai vertiginosamente no México central<sup>24</sup>.

As causas principais do declínio demográfico foram as enfermidades importadas, ou seja, o choque microbiano<sup>25</sup>: a varíola, o tifo, o sarampo e a gripe. Ao contrário dos povos que já conviviam há séculos com essas doenças, os ameríndios não haviam desenvolvido nenhuma resistência contra estas enfermidades. A epidemia de varíola, introduzida no México por um africano, em 1520, causou aniquilamento até entre índios que não haviam entrado em contato com espanhóis. De modo similar, as enfermidades europeias chegaram ao Peru e podemos constatar que a baixa populacional ocorrida, entre 1568 e 1580, na Nova Espanha, foi produto de uma epidemia de *matlalzáhuatl* (uma variedade da febre tifóide).<sup>26</sup>

A malária, o tracoma e a febre amarela foram trazidos para a América através de escravos negros que frequentemente eram vítimas da disenteria. Como destacou Alfred Crosby, “las enfermedades mortales del Viejo Mundo lo eran más aun en el Nuevo, y los males relativamente benignos de Europa resultaron asesinos en América”.<sup>27</sup> Entretanto, não podemos atribuir à baixa populacional indígena apenas às doenças e temos que considerá-las também como vítimas de violência por parte dos colonizadores. Seja como for, a sífilis e outras enfermidades venéreas se difundiram muito rapidamente no Novo Mundo, caminhando juntamente ao processo de mestiçagem. No Brasil, Gilberto Freyre já destacava a rapidez com que os nativos morriam através do contato com a bactéria da sífilis e usou a expressão *sifilização* em contrapartida à palavra civilização.<sup>28</sup>

Na década de 1570, na América Espanhola, foi promulgada uma série de restrições aos direitos dos mestiços, entre elas a proibição de viver entre os indígenas e o direito de serem soldados. Entretanto, o ordenamento de mestiços como sacerdotes é mantido, visto que existia uma grande necessidade de haver, na Nova Espanha, sacerdotes que conhecessem o idioma dos nativos. Por outro lado, os mulatos e os negros livres também sofriam as restrições de pessoas de nascimento ilegítimo. No entanto, os indivíduos africanos demonstraram valor

---

<sup>24</sup> MÖRNER, Magnus. op.cit., p. 40-41.

<sup>25</sup> Introdução de doença contra as quais as populações nativas não possuíam defesas orgânicas, o que, no caso da América, provocou grandes baixas demográficas.

<sup>26</sup> GARCÍA, Navarro. *Documentos inéditos del siglo XVI para la Historia de México*. se., 1975. p.7.

<sup>27</sup> CROSBY, A.. *The Columbian Exchange. Biological and Cultural Consequences of 1492*. Westport: Connecticut Greenwood Press, 1972. p.37.

<sup>28</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. 28ªed. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 161-162.

militar e, pouco a pouco, começaram a ser recrutados para as unidades especiais. Neste contexto, os mulatos eram chamados de pardos e os negros de morenos.<sup>29</sup>

A Coroa seguiu uma política cuja finalidade era separar seus súditos índios dos restantes. O ponto de partida desta política era o conceito de duas Repúblicas, a República dos espanhóis e a República dos índios, caracterizando assim uma grave política de segregação e gerando problemas jurídicos específicos que, como aponta Pérez Herrero, só veio a emergir na sociedade a partir de finais do século XVI:

si en las primeras generaciones de la conquista los hijos de los migrantes varones procedentes de la Península Ibérica y las mujeres pertenecientes a las sociedades originarias – no obstante ser mestizos biológicos – se convertían en criollos o “índios” según fueran a vivir con el padre o la madre respectivamente, a partir del tercer cuarto del siglo XVI se fue generando el sector de los mestizos compuesto por un grupo de individuos que se encontraba en la frontera de la República de los Españoles y la de los Indios.<sup>30</sup>

Foi neste momento que surgiu o conceito de *castas*,<sup>31</sup> nome genérico utilizado para identificar os vários tipos de mesclas ali presentes e indicar sua posição socioeconômica<sup>32</sup>. Na estratificação social ou de castas estabelecida na América Espanhola se conjugaram principalmente três valores sociais ou elementos como notas distintivas de cada estrato ou casta: o elemento racial, o elemento econômico e o elemento cultural. Do ponto de vista das atividades econômicas, para as castas intermediárias, sobraram os ofícios manuais ou o trabalho nas terras dos *criollos* e até mesmo, muitas vezes, nas terras coletivas indígenas.

É importante esclarecer que a população escrava, por sua vez, modificou bastante a composição social nas regiões para as quais eram mandadas (locais com carência de mão-de-obra indígena, onde o trabalho assalariado dos mestiços não era rentável ou em áreas insalubres). Tal contingente humano foi alocado principalmente nas regiões costeiras, trabalhando com o açúcar e o cacau. Entretanto, apesar do número reduzido, a atuação no setor doméstico foi grande devido à influência cultural exercida pelas amas, que educavam os filhos dos espanhóis, introduzindo costumes e características culturais tipicamente africanas (músicas, comidas, hábitos, entre outros) ao quadro sociocultural americano.

Naturalmente, a Igreja católica e a Coroa se opunham ao concubinato inter-racial do mesmo modo que se opunham ao concubinato em si, apesar de nada ou muito pouco poderem

<sup>29</sup> MÖRNER, Magnus. op.cit., p. 43.

<sup>30</sup> PÉREZ HERRERO, Pedro. op. cit., p.199.

<sup>31</sup> Palavra de origem ibérica medieval aplicável a todo tipo de grupo humano.

<sup>32</sup> MARTÍNEZ DE ALEGRÍA BILBAO. op.cit., p. 62.

fazer efetivamente para combatê-lo. A despeito de todos estes esforços, o concubinato seguiu constituindo uma importante forma de relações sexuais interétnicas. A partir de então, o Estado e a Igreja passaram a considerar automaticamente pessoas de origem mista como filhos ilegítimos.

A divisão social era muito simples. Havia duas categorias: espanhóis e índios. O primeiro grupo incluía os espanhóis peninsulares, os *criollos* e os mestiços legítimos. O segundo, os índios, deviam ser considerados vassalos livres e súditos da Coroa, devendo ser governados por suas próprias autoridades, segundo leis que estivessem parcialmente de acordo com seus antigos costumes, porém eram controlados e sua liberdade de movimentos sofria restrições. Deviam tributos ao rei e ao *encomendero* e realizar trabalhos forçados, estando liberados de prestar serviço militar, uma vez que não podiam lidar com armas de fogo, nem montar a cavalo.

Os escravos negros constituíam um terceiro grupo e a Coroa disponibilizou uma saída legal para os mulatos filhos de espanhóis. Desde então começaram as restrições oficiais aos “não-legítimos”. Foi introduzido no México, em 1549, um artigo que nenhum mulato, nenhum mestiço e nenhum homem que não fosse legítimo pudesse ter índios (*encomienda*). Neste momento, as palavras mestiço e ilegítimo se convertiam quase que em sinônimos.

O conceito de “mestiço” apropriado historicamente pelos conquistadores foi marcado por duas correntes, a tradição clássica e a história mais recente da reconquista espanhola.<sup>33</sup> Diversos paralelos eram traçados com o mundo animal relacionando o híbrido ao filho bastardo e estéril, mas, em geral, sempre ocupava uma posição de degeneração, inferior à de seus progenitores. No Novo Mundo, além disso, sua condição política era ambígua:

en América, el término de “mestizo” conlleva esa ambigüedad política, puesto que no se sabe a que señor natural pertenecen. Los mestizos no inspiran confianza, son desleales porque sirven a dos señores naturales: al rey de España y al señor indígena y pueden también manejar dos códigos sociales diferentes. De ahí que los mestizos, ya sean biológicos o culturales, estén siempre vinculados con la posibilidad de atravesar fronteras – políticas, geográficas o culturales.<sup>34</sup>

A partir do século XVI, inicia-se o uso de uma série de nomes para designar as diferentes combinações raciais surgidas, sendo mais difundidos aqueles que descreviam as mesclas entre os três grupos principais: mestiço (espanhol e índio), mulato (espanhol e negro)

<sup>33</sup> BERNAND, Carmen. Los híbridos en Hispanoamerica.: un enfoque antropológico de un proceso histórico. In: BOCCARA, Guillaume & GALINDO G., Sylvia. Logica mestiza em America. Temuco: Instituto de Estudios Indígenas, 2000, p.64.

<sup>34</sup> *ibid.*, p. 67.

e zambo ou zambaigo (negro e índio). Já durante o século XVIII, apareceram designações adicionais: castizo (mestiço de pele clara) e mourisco (mulato de pele escura). Existem vários documentos que registram classificações artificiais que incluem termos de inspiração animal, como lobo e coyote, assim como outros que aludem à indeterminação racial de certas mesclas, incluindo “tente en el aire” e “no te entiendo”. Este tipo de sistema de classificação se propunha, ao menos sob o ponto de vista ideológico, a exaltar a suposta superioridade espanhola. O século XVIII presenciou, no México, um crescimento das delimitações sociais como consequência da inevitável mestiçagem, porém também, como resultado da mudança da distribuição de riquezas<sup>35</sup>. Para a elite colonial, este sistema de classificação era uma forma de impor ordem na sociedade que se tornava cada vez mais inclassificável.

A produção dos quadros de mestiçagem<sup>36</sup>, estilo pictórico que representava os diversos tipos humanos provenientes dos cruzamentos raciais entre brancos, índios e negros na recém-formada sociedade colonial, teve sua produção surgida na segunda metade do século XVIII. Os quadros de mestiçagem buscavam descrever o avanço da mestiçagem e a vida cotidiana produzida na Ibero América. A maioria destas pinturas formam séries de 16 a 20 cenas, representando, em cada quadro, um homem e uma mulher de diferentes grupos com seu descendente, resultado da mescla entre eles.<sup>37</sup> Cada uma das personagens é identificada através de uma legenda descritiva. Essa manifestação artística se deu principalmente na Nova Espanha, de onde proveem quase todas as séries de pinturas conhecidas.<sup>38</sup>

A presença espanhola no começo das séries e as representações de família criavam uma unidade dentro da hierarquia, promovendo um sentimento de domesticação que servia para atenuar as tensões sociais. Um dos possíveis fatores que contribuíram para a criação deste gênero pictórico foi à ameaça ao sistema imperial espanhol, encarnada, segundo a elite *criolla*, na emergência das castas. A ênfase da Coroa espanhola sobre a heterogeneidade social da Nova Espanha objetivava que cada grupo ocupasse seu próprio nicho

---

<sup>35</sup> GARCÍA SÁIZ, María Concepción. Las castas mexicanas. Un género pictórico americano. Milani: Olivetti, 1989.

<sup>36</sup> Quadros de mestiçagem e pinturas de castas são sinônimos e sua utilização é de livre escolha do autor.

<sup>37</sup> É uma escolha própria do autor de não reproduzir as imagens aqui neste artigo mas links úteis serão disponibilizados nas notas.

<sup>38</sup> Uma das séries mais completas e significativas do gênero se encontra no Museu de Antropologia de Madri. É possível visualizar a série completa através do endereço: <http://ceres.mcu.es/pages/ResultSearch?Museo=MNA&txtSimpleSearch=Mag%F3n,%20Jos%E9%20Joaqu%E Dn&simpleSearch=0&hipertextSearch=1&search=simple&MuseumsSearch=MNA|&MuseumsRolSearch=12&>

socioeconômico. Os quadros de mestiçagem são obras que nos permitem compreender a sociedade e os costumes coloniais.

Na sua maioria, as pinturas de castas faziam parte de coleções particulares. Em muitos casos não são conhecidos aqueles que encomendavam esses quadros e muitas séries não tiveram identificação dos seus autores.<sup>39</sup> Em finais do século XIX, surgiram os primeiros estudos acerca desse gênero pictórico. Tais trabalhos contribuíram muito para identificação de séries, suas procedências e possíveis autores. Em 1884, E. T. Hamy adquiriu uma série incompleta do pintor Ignacio de Castro e a analisou procurando avaliar o percentual de sangue mestiço nos tipos representados.<sup>40</sup> Algumas décadas mais tarde, a obra de Rosenblat tornou-se uma referência, nos anos 1940/1950, dando notícia das séries conhecidas até então.<sup>41</sup> Entretanto, esses primeiros trabalhos caracterizaram-se, em geral, pelo tratamento em separado de cada uma das séries e pela transcrição numérica dos dados raciais contidos em cada representação de mestiços.

Os estudos sobre as pinturas de castas, em um momento posterior, apontaram essas pinturas como representações de fragmentos da vida cotidiana colonial. Nesse sentido, elas foram vistas como uma descrição da realidade. Entretanto, não faltou quem destacasse, como Magnus Mörner,<sup>42</sup> que esses quadros estavam mais próximos do estilo pictórico do século XVIII do que pudessem representar um esforço de apresentar a realidade social da América espanhola<sup>43</sup>. Assim, deve-se assinalar que as diferentes séries não correspondem a réplicas de um primitivo modelo e que não há uma única lista de tipos mestiços que é reproduzida em todas as séries. Do mesmo modo, pode-se notar diferenças de estilo entre os diversos pintores.

As imagens formam parte importante da cultura ocidental. Estas se constituem como parte fundamental da comunicação humana, fazem parte dos nossos imaginários, são capazes de transmitir sentimentos e conteúdos intelectuais. A iconografia neste estudo histórico pode se justificar na medida em que podem auxiliar a compreender um pouco mais das sociedades coloniais.

---

<sup>39</sup> PINO DÍAZ, Fermín del. Historia natural y razas humanas en los “cuadros de castas” hispano-americanos. In: ROMERO de Tejada y Picatoste, Pilar (coord.) *Frutas y castas ilustradas*. s/l: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte/IMPRESA, 2004. p. 47 – 48.

<sup>40</sup> KATZEW, Ilona. *Pintura de castas*. Madrid: Turner, 2004. p. 5 – 7.

<sup>41</sup> NAVARRO, Isidoro, op cit., p. 92.

<sup>42</sup> MÖRNER, Magnus. op.cit., s/d.

<sup>43</sup> KATZEW, Ilona, op. cit., p. 8.

Para a interpretação dessas pinturas as indicações de E. Panofsky, tomando as imagens como documentos culturais, deverão ser valorizadas.<sup>44</sup> Panofsky propõe um esforço de aprofundamento da explicação das obras de arte, ultrapassando a percepção da destreza do artista, o uso de cores, as formas ou estilos, mas entendendo-as como produtos sociais. Panofsky, dessa maneira, apontava a necessidade de mais que fazer uma simples descrição e classificação dos diferentes temas, adotar uma perspectiva em que se averiguava, a partir dos temas escolhidos pelos artistas, o significado das obras.

A categoria de “mestiço” pode ser considerada englobante, quando inclui todas as mesclas e, específica, quando, por regra geral, se designa a filhos de pais espanhóis e mães nativas. Em muitos casos, o termo “mestiço” aparece como sinônimo de aculturação<sup>45</sup>, porém reitero a percepção da mestiçagem como fenômeno biológico, social e, sobretudo, cultural, à medida que a partir dela geram-se novas formas culturais.

Porém, é importante observar que a definição dos grupos étnicos não pode ser efetuada somente a partir da cultura, embora esta entre de forma decisiva no processo de construção da etnicidade. As características que são levadas em conta “não são a soma das diferenças ‘objetivas’, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes”. Assim, o conteúdo cultural pode ser de duas ordens: traços diacríticos como o vestuário, moradia ou estilo geral de vida; e orientações de valores fundamentais, padrões morais pelos quais as ações são julgadas. “Nenhum desses tipos de ‘conteúdos’ culturais deriva de uma lista descritiva de traços ou diferenças culturais”.<sup>46</sup>

A noção de identidade étnica deve ser considerada a partir de quatro grandes problemáticas: o da atribuição categorial, pelo qual os atores identificam-se e são identificados pelos outros; o das fronteiras do grupo, que servem de base para a dicotomização Nós/Eles; o da fixação dos símbolos identitários, que fundam a crença na origem comum; e o da saliência, que recobre o conjunto dos processos pelos quais os traços étnicos são realçados na interação social<sup>47</sup>.

---

<sup>44</sup> PANOFSKY, E. *Estudos de iconologia*. Temas humanísticos na Arte do Renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

<sup>45</sup> Esta idéia faz parte das estratégias de desvalorização dos mestiços nas sociedades hispano-americanas. *ibid.*, p.63.

<sup>46</sup> BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J.. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998. p. 194.

<sup>47</sup> *ibid.*, p. 141-142.

São as fronteiras étnicas que, para além do conteúdo cultural, definem os grupos. “As identidades étnicas só se mobilizam com referencia a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos”.<sup>48</sup> A etnicidade é, portanto, um processo dinâmico sempre sujeito a mudanças e reconfigurações e, dessa forma, as fronteiras são mais ou menos fluidas, permeáveis. Assim sendo, a formação de fronteiras internas, fruto de tensões e parte das estratégias de controle social, são também táticas de auto-definição e de formulação das identidades.

No que se refere às pinturas de castas, vale lembrar o que diz Robert Darnton, os historiadores têm muito a ganhar “se pensarem nos simbolismos como polissêmicos, fluidos e complexos”,<sup>49</sup> considerando que a estética da miscigenação buscava criar uma ilusão a partir dos signos, caracterizados, por sua vez, pela infinita capacidade de passar mensagens. Finalmente, os conceitos de representação e apropriação cultural de Roger Chartier, nos auxiliam na compreensão das pinturas de castas como parte das estratégias de controle e coerção social. Essas ideias nos fazem perceber os diversos “modos de ver” que a elite *criolla*, principal patrocinadora e divulgadora destas pinturas, pretendia expandir. Não há produção ou prática cultural que não se fundamente em materiais impostos pela tradição ou pela autoridade e que não esteja sujeito à supervisão e à censura por parte daqueles que detêm o poder sobre as palavras ou os gestos<sup>50</sup>. Assim, os quadros, mais do que possíveis descrições das mesclas entre tipos humanos representam a pulsão por integrar o que escapa ao sistema social vigente, potencializando as estratégias e instrumentos de conservação da ordem colonial. Segundo Chartier, a noção de representação vale tanto como algo que nos permite “ver uma coisa ausente” quanto à “exibição de uma presença”.

Uma contribuição significativa para a compreensão do processo de mestiçagem através da interpretação e análise dos quadros de mestiçagem é a grande quantidade de representações das mais variadas indumentárias de época, dos ofícios desempenhados por seus protagonistas, do mobiliário e objetos domésticos e, finalmente, de elementos da fauna e da flora ibero-americanas.

De acordo com Ilona Katzew,

---

<sup>48</sup> *ibid.*, p. 152.

<sup>49</sup> DARNTON, R.. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 289.

<sup>50</sup> CHARTIER, R.. *História cultural*. Lisboa: Difel, 1990.

sin embargo, hay que tener claro que estas obras presentan una visión mediatizada de la realidad y que por tanto no deben tomarse en sentido literal, sino ser analizadas en términos de cómo se forjó la identidad dentro de la contienda colonial.<sup>51</sup>

A ambientação cenográfica que cada autor cria como pano de fundo dos personagens centrais não foi fruto de uma mera causalidade. Os autores deste gênero pictórico tinham uma intenção prévia de mostrar parte do mundo que os rodeava. No que se refere às representações dos ofícios desempenhados pelos protagonistas dos quadros, há sempre uma clara hierarquização dos ofícios, sendo os melhores deles desempenhados por espanhóis ou descendentes de sangue mais espanhol que mestiço, e os de menor valor sendo desempenhados por descendentes com maior quantidade de sangue negro e mestiço. Para Fernando Martinez de Alegria Bilbao:

si prestamos la debida atención de forma paralela al oficio y a la casta que se representa en cada uno de los lienzos, enseguida nos daremos cuenta que son los españoles quienes se encuentran en los estrados más altos de la sociedad, y que a medida que aumenta la mezcla racial disminuye la categoría de la ocupación del personaje y con ello su lugar en la jerarquía social.<sup>52</sup>

Em muitas séries o tema da violência doméstica é frequente. Como dito anteriormente, muitas castas eram caracterizadas como vadias e vis<sup>53</sup>. Segundo Ilona Katzew,

el mensaje es claro: ciertas mezclas – en especial aquellas de españoles o indios con negros – únicamente podían conducir a la aparición de sentimientos viles, proclividades inmorales, y una extrema inclinación a un estado de incivilidad.<sup>54</sup>

O papel da mulher é bem distinto, seu trabalho se desenrola dentro do ambiente familiar, subjugada à figura masculina. Podemos encontrá-las realizando trabalhos domésticos como costura, preparando alimentos na cozinha ou mesmo apenas acompanhando seu marido e seu descendente numa típica representação da intimidade familiar. Porém, à medida que a mescla de sangue aumenta e, conseqüentemente, há uma diminuição na escala social, a mulher aparece colaborando com o marido, desempenhando funções como vendedora ambulante, tecelã, ou se limitando a acompanhar seu marido em sua função, apontando-nos uma clara dependência à figura masculina. A mulher espanhola, poucas vezes, aparece, devido ao seu pequeno espaço no processo de mestiçagem. Entretanto, a mulher índia ou de outras castas distintas da espanhola, são representadas em trajes de corte europeu com

---

<sup>51</sup> KATZEW, Ilona. *op. cit.*, p.116.

<sup>52</sup> BILBAO, Fernando. Los cuadros de mestizaje del Cardenal Lorenzana. In: *Frutas y castas ilustradas*. 2004. p.41.

<sup>53</sup> Um belo exemplo é a pintura que é apresentada neste link: <http://www.camcocuba.org/TOMO%20V/CRONICAS/54.html>

<sup>54</sup> KATZEW, Ilona. *op. cit.* p.115.

elementos de tradição indígena. Por outro lado, a riqueza das joias que portam também são indicativos do lugar social que ocupam.

O estudo dos quadros de mestiçagem é um valioso veículo para a compreensão do desenvolvimento de um engenhoso sistema classificatório de várias ordens da natureza e do homem, que, sem dúvida alguma, nos aproxima da realidade social da Nova Espanha do século XVIII. O desenvolvimento dos quadros de mestiçagem pode ser relacionado ao entendimento de que as diferenças raciais foram utilizadas, na América hispânica, como parte das estratégias de controle social. Concebidos em um imaginário valorizador da limpeza de sangue, importante elemento de distinção da Espanha moderna, levado à América, os quadros de mestiçagem fazem parte de uma linguagem artística do barroco. Por outro lado, sofreu a influência do espírito classificatório da taxonomia de Linneu, representativa da expansão da História Natural no século XVIII. Assim, os quadros, mais do que possíveis resultados da mescla entre tipos humanos ilustram a pulsão por integrar o que escapa ao sistema social vigente, potencializando as estratégias e instrumentos de conservação da ordem colonial.

### **Bibliografia:**

#### **Fontes:**

GARCÍA SÁIZ, María Concepción. La pintura colonial en el Museo de América (I): La escuela mexicana. Madrid: Ministerio de Cultura, 1960.

\_\_\_\_\_. La pintura colonial en el Museo de América (II): Los encochados. Madrid: Ministerio de Cultura, 1980.

KONETZKE, R. Colección de documentos para la Historia de la formación social de Hispanoamérica. 1493 – 1810. Madrid: CSIC, 1958. 4v.

LEÓN PINELO, Antonio (ed.). Recopilación de las Indias. México: Miguel Ángel Porrúa, 1992. 2v.

### **Instrumentos de pesquisa, obras de referência, livros, artigos e teses:**

- ALEGRÍA, Ricardo. El mestizaje racial en el arte colonial latinoamericano. (Catálogo de coleção conservada no Instituto de Cultura Porto-riquenha). San Juan, 1976.
- ALVAR, Manuel. Léxico del mestizaje en Hispanoamérica. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica/Instituto de Cooperación Hispánica, 1987.
- AIZPURU, Pilar. Blancos pobres y libertos. Los colores de la pobreza. se., sd.
- \_\_\_\_\_. História de la vida cotidiana en México. se., sd.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa, Imprensa Nacional /Casa da Moeda, 1985. vol. 5: Antropos – Homem.
- BARRAS DE ARAGÓN, F.. Noticia de varios cuadros pintados en el siglo XVIII representando mestizajes y tipos de razas indígenas de América y algunos casos anormales. Memorias de la Real Sociedad Española de Historia Natural, 15. Madrid: se.. 1929, p. 155 –168.
- BAXANDALL, Michael. O olhar renascente. Pintura e experiência social na Itália da Renascença. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- BERNAND, Carmen. Los híbridos en Hispanoamerica.: un enfoque antropológico de un proceso histórico. In: BOCCARA, Guillaume & GALINDO G., Sylvia. Logica mestiza em America. Temuco: Instituto de Estudios Indígenas, 2000.
- \_\_\_\_\_. Negros esclavos y libres en las ciudades hispano americanas. Madrid: Fundación Histórica Tavera, 2001.
- \_\_\_\_\_. De lo étnico a lo popular: circulaciones, mezclas, rupturas. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, n. 6, 2006.
- BETHELL, L. (org.). História da América Latina. Volume 1: América Latina colonial. São Paulo/Brasília: Edusp/FUNAG, 1997.
- BOXER, Charles R.. A Igreja e a expansão ibérica (1440 - 1770). Lisboa: Edições 70, 1989.
- BOYD BOWMAN, P.. Patterns of Spanish emigration to the New World (1493-1580). Buffalo, New York, University of New York State. sd.
- BURKE, Peter. (org.). A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. A arte da conversação. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

- CABELLO CARRO, Paz. Coleccionismo americano indígena en la España del siglo XVIII. Madrid : Ediciones de Cultura Hispánica, 1989.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. How to write the history of the New World. Epistemologies, and identities in the eighteenth-century Atlantic World. Stanford : Stanford University Press, 2001.
- CARRERA, Magali M.. Imagining identity in New Spain. Race, lineage, and the colonial body in portraiture and casta paintings. Austin : University of Texas Press, 2003.
- CHARTIER, R.. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (org.) A nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. História cultural. Lisboa: Difel, 1990.
- CHOCANO MENA, Magdalena. La América colonial (1492 - 1763). Cultura y vida cotidiana. Madrid: Editorial Síntesis, 2000.
- COPE, Douglas. The limits of racial domination: plebeian society in Colonial Mexico City, 1660 – 1720. Madison: University of Wisconsin Press, 1994.
- CROSBY, A.. The Columbian Exchange. Biological and Cultural Consequences of 1492. Westport: Connecticut Greenwood Press, 1972.
- DARNTON, R.. O beijo de Lamourette. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DEANS-SMITH, Susan. Creating the Colonial Subject: Casta Paintings, Collectors, and Critics in Eighteenth-Century Mexico and Spain. Colonial Latin American Review, v. 14, n. 2/dez. 2005, p. 169 – 204.
- ESTEVA-FABREGAT, Claudio. El mestizaje en Iberoamérica. Madrid: Alhambra, 1988.
- ESTRADA DE GERLERO, Elena Isabel. Las pinturas de castas, imágenes de una sociedad variopinta. In México en el mundo de las colecciones de arte, v. 2. México: Grupo Azabache, 1994.
- FISHER, Abby Sue. Mestizaje and the cuadros de castas: visual representations of race, *status* and dress in eighteenth-century Mexico. Ph.D. diss., University of Minnesota, 1992.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FREYRE, G.. Casa-Grande e Senzala. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

- GARCÍA, Navarro. Documentos inéditos del siglo XVI para la Historia de México. se., 1975.
- GARCÍA SÁIZ, María Concepción. Las castas mexicanas. Un género pictórico americano. Milani: Olivetti, 1989.
- \_\_\_\_\_. La pintura colonial en el Museo de América (I): La escuela mexicana. Madrid: Ministerio de Cultura, 1960.
- \_\_\_\_\_. La pintura colonial en el Museo de América (II): Los encochados. Madrid: Ministerio de Cultura, 1980.
- GERBI, Antonello. La naturaleza de las Indias Nuevas. México: Fondo de cultura económica, 1992.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GONZÁLEZ, M. A. C. Introducción al método iconográfico. Barcelona: Ariel, 1998.
- GRUZINSKI, S.. La colonización de lo imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI - XVIII. México, F C E, 1991.
- \_\_\_\_\_. La guerra de las imágenes. De Cristóbal Colón a "Blade Runner" (1492 - 2019). México, FCE, 1994.
- \_\_\_\_\_. Las repercusiones de la conquista: la experiencia novohispana. In: BERNAND, Carmen (org.). Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años. México, FCE, 1994.
- \_\_\_\_\_. Do barroco ao neobarroco: fontes coloniais dos tempos pós modernos. O caso mexicano. In: CHIAPPINI, L., AGUIAR, F. W. de (orgs.). Literatura e História na América Latina. São Paulo: Edusp, 1993.
- \_\_\_\_\_, BERNAND, Carmen. História do Novo Mundo. São Paulo: Edusp, 1997 - 2006. v. 1 e 2.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 17ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- \_\_\_\_\_. Visão do paraíso. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- KATZEW, Ilona. Pintura de castas. Madrid: Turner, 2004.

- KNIGHT, Franklin. El mestizaje en América Latina. New York: Macmillan, 1974.
- KONETZE, R. El mestizaje y su importancia en el desarrollo de la población hispanoamericana durante la época colonial. Madrid. se.. 1946.
- LIPSCHUTZ, Alejandro. El problema racial en la conquista de América. 3ª ed. México: Siglo XXI, 1975.
- MALDONADO POLO, J. Luis. La institucionalización de la historia natural en Nueva España. El modelo de transplante de la ciencia ilustrada metropolitana a ultramar. In: De la ciencia ilustrada a la ciencia romántica. Madrid: Ediciones Doce Calles, 1995.
- MARAVALL, José António. A cultura do barroco: análise de uma estrutura histórica. São Paulo: Edusp, 1997.
- MARSHALL, C. E.. The birth of the mestizo in New Spain. In: The Hahr, vol. 19, n. 2, Durham: NC, 1939.
- MARTÍNEZ, María Elena. Religion, Purity, and “Race”: The Spanish Concept of *Limpeza de Sangre*. Cambridge/Seventeenth-Century Mexico and the Broader Atlantic World. International Seminar on the History of the Atlantic World, 1500-1800: Harvard University, s/d. mimeo.
- MORÁN, Miguel J., Fernando, Checa. El coleccionismo en España. De la cámara de maravillas a la galería de pinturas. Madrid: Cátedra, 1985.
- MORENO NAVARRO, Isidoro. Los cuadros del mestizaje americano. Estudio antropológico del mestizaje. Madrid: Ediciones Jose Porruas Turanzas, 1973.
- MORENO, Roberto. Linneo en México. Las controversias sobre el sistema binario sexual 1788–1798. México: UNAM, 1989.
- MÖRNER, Magnus. La mescla de razas en la Historia de América Latina. Buenos Aires: Paidós, 1967.
- \_\_\_\_\_ et alli. El mestizaje en la Historia de Ibero-América. México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia/Comisión de Historia, 1961.
- NAVARRO, Isidoro. Los cuadros del mestizaje americano. sl., se.. 1973.
- OLAECHEA LABAYEN, Juan B.. El mestizaje como gesta. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

- PANOFSKY, E. Estudos de iconologia. Temas humanísticos na Arte do Renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.
- PEASE, Franklin, MOYA PONS, Frank (orgs.). Historia general de América Latina. Paris: UNESCO – Trotta, 2000. v. II
- PÉREZ DE BARRADAS, José. Los mestizos de America. Madrid: Espasa-Calpe, 1976.
- PÉREZ HERRERO, Pedro. La América colonial. (1492 – 1763) Política y sociedad. Madrid: Editorial Síntesis, 2002. (Historia de España. 3<sup>er</sup> Milenio, n. 18).
- POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J.. Teorias da etnicidade. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
- ROMERO DE TEJADA Y PICATOSTE, Pilar (coord.) Frutas y castas ilustradas. s/l: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte/IMPRESA, 2004.
- SÁNCHEZ, Alberto Ruy.(org.) Pinturas de castas, Artes de Mexico, Mexico, n.8, 1998.
- SEBASTIÁN, Santiago. El barroco iberoamericano. 2<sup>a</sup> ed. Madrid: Ediciones Encuentro, 2007.
- SEED, Patricia. Amar, honrar y obedecer en el México colonial: conflictos en torno a la elección matrimonial, 1574-1821. México; Alianza Editorial, 1991.
- SOUZA, Juliana Beatriz A. de. Antonio de Lorenzana y los mestizos en México colonial. In: Veronica Salles-Reese e Carmen Fernández-Salvador (org.). Autores y Actores del Mundo Colonial. Nuevos Enfoques Multidisciplinarios. Quito: CASO (Georgetown University)/ Universidade São Francisco de Quito (UFSQ), 2008.
- TODOROV, T. A conquista da América. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- VELÁSQUEZ GUTIÉRREZ, Maria Elisa. Mujeres de origen africano en la capital novohispana, siglos XVII y XVIII. México: INAH/UNAM, 2006.